



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

NILMARA LAÍSA PEREIRA LIMA

(entrevista)

Teresina, PI

2019

LECCORPO-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA



Fotografia produzida, em maio de 2019, em Teresina (PI). Da esquerda para a direita: Nilmara Laísa Pereira Lima e Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Projeto: Mulheres nordestinas na arbitragem do futsal: institucionalização e trajetórias, dissertação de autoria de Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Número da entrevista: E-919

Nome da entrevistada: Nilmara Laísa Pereira Lima.

Local da entrevista: Teresina (PI).

Entrevistadora: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Data da entrevista: 17/05/2019.

Transcrição: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Copidesque: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Pesquisa de termos: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Revisão Final: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 57 minutos e 21 segundos.

Páginas Digitadas: 36.

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual pratico para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em História, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: LIMA, Nilmara Laísa Pereira. Entrevista concedida por Nilmara Laísa Pereira Lima ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador/a: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UFRGS, UNIVASF, TERESINA (PI), 17 maio 2019, 39p.

SUMÁRIO

Infância da árbitra e sua relação com o esporte; Reação familiar quanto à escolha em tornar-se árbitra; Processo de formação da árbitra; Primeiro jogo como árbitra federada e confederada; Questões de gênero na arbitragem; Treinamento físico para arbitrar; Cenário do futsal ao tornar-se árbitra e atualmente; Relações institucionais e interpessoais (Federação Piauiense de Futsal e Confederação Brasileira de Futebol de Salão - Futsal); Possíveis causas do número reduzido de árbitras de futsal; Definição de ser “mulher árbitra”; Pontos positivos e negativos em ser árbitra; Considerações finais.

Teresina (PI), 17 de maio de 2019. Entrevista com Nilmara Laísa Pereira Lima (N.L.) a cargo da pesquisadora Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima (M.L.) para o Laboratório de Estudos da Cultura Corporal da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

M.L. – Entrevista com Nilmara Lima, árbitra da Confederação Brasileira de Futebol de Salão, às dezoito horas e cinquenta e nove minutos, no Instituto Federal – Campus Teresina Central. Boa noite, Nilmara.

N.L. – Boa noite.

M.L. – Qual teu nome completo?

N.L. – Nilmara Laísa Pereira Lima.

M.L. – Data de nascimento?

N.L. – 07 de junho de 1997.

M.L. – Onde nasceu?

N.L. – Teresina, Piauí.

M.L. – Escolaridade?

N.L. – Ensino Superior Completo.

M.L. – Em?

N.L. – Ensino Superior Completo.

M.L. – Graduada em que, no caso?

N.L. – Licenciatura em Educação Física.

M.L. – Profissão?

N.L. – Professora.

M.L. – De qual segmento?

N.L. – Escolinhas.

M.L. – No caso, seriam meninos do Infantil?

N.L. – É. Infantil. Cabe de quatro a catorze anos.

M.L. – [trecho inaudível 2min01seg]

N.L. – E natação também.

M.L. – Também?

N.L. – Na mesma idade, de quatro a catorze anos.

M.L. – Nilmara, eu gostaria que você me contasse como foi a sua infância e a sua relação com o esporte.

N.L. – A minha infância, eu era apaixonada por futsal. Só que os meus pais não autorizavam eu jogar, é... por conta da... da relação lá das meninas. Aí não autorizavam, até que em 2011 eu participei do meu primeiro ano escolar. Aí participei de 2011 a 2014. Aí em 2015 eu decidi cursar Educação Física e aí uns... meu pai que... minha mãe me deixou livre, respeitando a minha vontade, e meu pai não: “Não, vai fazer Radiologia, área da saúde”. Findei fazendo, cursando mesmo Educação Física. Aí eu conheci... Aí quando foi... joguei bola, jogando bola e cursando o curso. Aí no meio do ano de 2015, já tava no segundo período, eu fiz o primeiro curso da arbitragem. Só que eu não passei. Aí: “O que é que eu quero com regra! Eu vou jogar mesmo é bola!” E fiquei jogando bola, que eu era

apaixonada por bola, só que não viajava. Na hora de viajar eles não assinavam, meus pais. Só era local.

M.L. – E no caso, você diz assim: “que a relação com as meninas...” Que relação era essa que eles não achavam...?

N.L. – Meu pai. Meu pai é muito preconceituoso. Até quando eu disse que queria... que eu passei no curso da arbitragem e falei: “eu quero atuar!” e ele: “não, você não vai atuar” e eu “vou, eu quero atuar”. Aí a minha mãe perguntou: “quer mesmo atuar?” Aí eu: “quero!” E ela que me ajudou. Meu pai não me deu um real. Até hoje ele fica: “larga isso aí de mão”. Aqui e acolá ele... Às vezes eu acho que ele sente orgulho e, às vezes, acho que ele não acha legal.

M.L. – Quando você se envolveu com o esporte?

N.L. – Quando eu me envolvi?

M.L. – É.

N.L. – Foi... Eu tava... Na realidade eu praticava skate na Fundação Cidadania, lá em Timon. E aí eu levei uma queda na qual trincou até um pouquinho do meu dente aqui, aí uma colega minha que ia comigo, fazia escolinha de futsal lá... Aí eu: “agora vou fazer é futsal”.

M.L. – Menos perigoso [risos].

N.L. – Aí eu comecei a ir com ela. Aí pronto, não deixei mais.

M.L. – E aí, como é que sua família reagiu a isso, já que seu pai não aprovava essa coisa do futsal?

N.L. – Todos os jogos, todo treino tinha... Os jogozinhos lá, valendo medalha, essas coisas, é... meu irmão tinha que me deixar e me buscar. Se ele não fosse, era o meu pai, se meu pai não fosse, eu não iria.

M.L. – Então tinha que ter sempre alguém supervisionando?

N.L. – Sempre alguém... ainda tinha que ficar assistindo. Era desse jeito.

M.L. – Você hoje acompanha algum esporte ou o futsal regularmente?

N.L. – Futsal. Diariamente [riso].

M.L. – Por quais meios você faz isso?

N.L. – Eu gosto, eu sou apaixonada. Às vezes eu fico... Quando tá em períodos que não tá tendo competição, eu fico em casa: “meu Deus, tomara que comece logo os jogos” [riso].

M.L. – Costuma acompanhar pela TV alguma competição?

N.L. – É... campo. Brasileirão. Eu gosto. Internet, eu fico olhando os jogos, horários, como é que tá os confrontos.

M.L. – Legal. Você jogou futsal ou alguma outra modalidade em algum time?

N.L. – Já. Joguei...

M.L. – Quando foi isso?

N.L. – Joguei... Como eu disse, desde 2011. Joguei Escolar, pela minha escola, pelo Augusto Batista e pelo Múltiplo. E aqui em Teresina pelo IFPI¹, com o professor Hélio.

¹ Instituto Federal do Piauí.

M.L. – E onde foram essas competições? Você lembra de alguma que tenha sido marcante prá você?

N.L. – Aham. É... participei dos JEM's, que ganhei os Jogos Escolares, dois anos, lá em Timon. E fomos pro JEM's... prá JEM's que foi em Caxias. E no ano seguinte foi em Codó, em São Luís.

M.L. – O que são esses JEM's? A definição?

N.L. – JEM's é a primeira etapa dos Jogos Escolares, onde sai o campeão da cidade. Aí vai prá etapa regional, que é a seletiva. Passando, vai prá outra etapa que é em São Luís. O campeão de São Luís é quem vai pro Brasileiro e representa o Maranhão.

M.L. – Certo. Então é uma competição que tem as etapas que...

N.L. – Isso.

M.L. – Etapas que são regionalizadas e depois passam a ser Nacionais.

N.L. – É. Isso. E pelo IFPI aqui foi o Piauiense e Metropolitano, que esse é valendo a vaga da Liga, e o Piauiense é a vaga do Brasileiro, né?

M.L. – Houve algum treinador ou treinadora que marcou a tua trajetória enquanto atleta?

N.L. – Sim, o Hélio, o Hélio. Quando eu jogava em Timon, eu era meio assim tão... sem vontade. Acho que tava mesmo... Era coisa de minuto. Eu saía, depois entrava. Quando eu tive com o Hélio foi totalmente diferente. Eu me tornei assim... Eu acho que já tinha em mim e ninguém ainda tinha descoberto, né? E com o Hélio eu vi o que é realmente jogar futsal.

M.L. – Hélio ainda é...

N.L. – Aprendi muito.

M.L. – Hélio ainda é vivo?

N.L. – É. Só está acidentado.

M.L. – É o professor daqui que está numa cadeira de rodas?

N.L. – É, aham.

M.L. – É isso?

N.L. – Isso.

M.L. – Eu vi a foto dele ali, inclusive. E onde foram esses jogos que mais te marcaram enquanto tinha Hélio como teu treinador?

N.L. – É... foi um na Fundação Cidadania, que foi lá onde eu treinei, onde eu convivi praticamente e o professor de lá nunca teve a confiança que ele teve e eu pude jogar lá na presença deles. Tanto quem era da... do grupo lá do quadro de trabalho de serviço da Fundação, quanto do próprio professor. Eles viram que a realidade era outra e ficaram até: “Poxa, Nilmara” e eu: “pois é” [risos].

M.L. – Tava aqui o tempo todo e não descobriram, né?

N.L. – É [risos].

M.L. – E como foi que a sua família viu essa sua ascensão dentro do futsal enquanto atleta?

N.L. – É... a minha avó, prá ela era... era uma maravilha. “Ah, minha neta joga futsal e tal”, agora meu pai, meu Deus! Ele nem falava, nem comentava nada, nem com ninguém e quando eu falava: “vou jogar bola”, ele: “vai se adoecer!” [riso].

M.L. – E sua vó, que era sua maior incentivadora, pelo que você falou aí...

N.L. – É.

M.L. – Ela chegou a te ver jogar?

N.L. – Não. Nenhum jogo, nem sabe se eu era boa mesmo de bola [risos]. Ou se era ruim, sabe? Nem ela sabia, sei que ela... ela fala muito. Qualquer pessoa que perguntar: “ah, ela joga bola, é isso, é aquilo”.

M.L. – E sua mãe, chegou a acompanhar algum jogo?

N.L. – A minha também não. Só o meu pai que já presenciou e meu irmão.

M.L. – Que eram os supervisores do momento, né?

N.L. – Que era prá ficar olhando [riso], que quando chegasse em casa... mas nunca foi... Tudo de boa. Nunca teve problema em relação a isso. Acho que até ele criou confiança, aí com uns dezessete anos já passava a ir sozinha, com as meninas mesmo da rua. Estudávamos na mesma escola, aí já tava indo mesmo sozinha com elas.

M.L. – E nessa época sua como atleta você conseguiu fazer amigos ou amigas?

N.L. – Consegui. Só que eu sou uma pessoa assim... não é nem difícil, é que eu não gosto muito de amigas... de... não gosto. Mas eu era... Eu gosto muito da resenha, eu dou muito valor, muito mesmo.

M.L. – Tem contato com alguma delas até hoje?

N.L. – Tenho, tenho.

M.L. – Ou com algum deles?

N.L. – Tenho. O professor até hoje eu falo com ele. Vejo-o agora diariamente e até apito os jogos dele, né, das equipes dele masculinas. É... as meninas também... tem uma que mora perto da minha casa até hoje. Nunca perdi... Ah perdi contato, eu acho que com trinta por cento de todas elas. Mas até hoje eu tenho contato com elas.

M.L. – Costumam se ver, resenhar?

N.L. – Oh! Às vezes eu marco até almoço lá em casa. “Bora almoçar lá em casa!”.

M.L. – Só prá fazer a resenha?

N.L. – Só prá fazer a resenha [risos].

M.L. – Nilmara, quando e por que você decidiu ser árbitra?

N.L. – Eu fiz o primeiro curso em 2015, aí eu: “não, eu não quero!” Faltei, não fiz a prova. “Não, não quero não. Vou jogar mesmo é bola”. Quando foi em 2016, uma colega minha passou no curso. Estudando comi... Jogou bola comigo, estudou o mesmo curso que eu, na mesma faculdade. Aí ela passou, aí eu... às vezes vinha com ela. Aí eu: “rapaz, eu vou, a próxima vez eu vou fazer”. Fiquei perguntando, perguntando e quando saíram as inscrições, eu fiz. “Agora eu passo!” Aí a primeira nota eu tirei sete e pouco. “Rapaz, não acredito”. Aí eu estudei, estudei... A segunda, eu fechei a prova. A terceira foi oito e alguma coisa. Aí teve o teste prático. Prá mim todas as práticas foram arbitrando. Aí só que eu tava começando... vai ou não vai. Aí eu passei, cheguei e disse que queria realmente fazer o curso, que queria realmente atuar. Aí minha avó: “Tem certeza?” “Tenho!” Minha mãe: “Tem?” “Tenho”. Aí tinha que comprar material, adquirir material, essas coisas. Meu pai já pulou lá longe: “Não vai!” E eu: “Eu vou!”. Eu tinha dezoito anos, tava recente... “Vou! Eu gosto!” “Que isso não dá futuro não. Vai ser xingada, não sei o que”. E eu... Aí eu até chorei e minha avó: “Não, vai dar certo”. Aí ele... até que ele ligou pro Afonso, aí adquiri todo material e comecei. Só que na minha primeira participação, num jogo sub13, eu: “Não dá prá mim não. Vou ser anotadora mesmo [riso]”. Aí de anotadora, faltou um árbitro numa competiçãozinha mesmo local, particular e aí eu fui atuar no lugar do árbitro que faltou e o delegado da partida foi prá mesa. Aí desde esse dia ele falou: “Tu não fica

mais na mesa. Agora tu vai ser é arbitra. Vou fazer uma árbitra em ti”. E eu: “Tá bom. Tu achas que eu tenho rumo?” Aí ele: “Tem”. Aí pronto. Desde esse dia, nunca mais...

M.L. – Quem é Afonso, Nilmara?

N.L. – É o Diretor daqui. Local. Da arbitragem.

M.L. – Da Federação Piauiense?

N.L. – Aham. Afonso São Loreto.

M.L. – Certo. E aí, quando você toma a decisão de ser árbitra... Afonso quer lhe fazer árbitra, né? Alguém te apoiou nessa decisão, já que havia essa repulsa do teu pai com relação a essa função?

N.L. – Assim, dentro do grupo... Fora... até porque quase ninguém entende. É... em relação se dava ou não prá ser árbitra. Mas dentro do grupo eu não tive muito apoio, não tive. “Ah, acho que não vai dar certo. Hum... a Nilmara sendo árbitra...” Só eram esses tipos de comentário. “Ah, que não dá”. “Ah que o Afonso tá empurrando com a barriga”. Eram esses os tipos de...

M.L. – Essa opinião era dos árbitros?

N.L. – Dos próprios companheiros. Dos próprios. Tinha uns que nem... nem tinha interesse de me ajudar. Aí outros... aí acho que outros foram... perceberam que eu estava realmente interessada, aí eles resolveram me ajudar. Alguns.

M.L. – E na família, quem foi que te apoiou?

N.L. – A minha avó, como sempre a minha avó. A minha mãe, a minha madrinha, sempre elas me apoiaram.

M.L. – E esse apoio de sua avó, né, que você enfatiza muito na fala, que a tua avó foi à figura que mais te apoiou... Por que desse apoio dela a essa sua função que é tão difícil?

N.L. – Eu acho que, assim, pelo fato... é... a minha criação, 90% ela tem a ver, né? Foi... Eu sou muito influenciada por ela. Acho que... independente do que eu escolhesse, seria uma inspiração prá ela, entendeu? Pelo fato dela ter... realmente quer... Ela que criou a gente, porque meu pai trabalha, minha mãe... Aí não tinha aquele tempo. Ela que me acompanhava nas escolas, faculdade. Prá ela... ela fala com o maior... orgulho. Como se fosse fácil.

M.L. – Então sua vó é que é sua grande...

N.L. – É.

M.L. – Sua grande figura de incentivo com relação à escolha?

N.L. – Grande. Grande mesmo.

M.L. – E como estava o futsal quando você começou a arbitrar, Nilmara? Tinha muitos campeonatos regionais, estaduais, nacionais? Como é que era esse cenário do futsal?

N.L. – Muitos. Tinha essas competições de Jogos Escolares; essas locais particulares também, que são de entidades, de uns polozinhos pequenos e convidavam a arbitragem prá participar da competição; Piauiense; Metropolitano. Várias, várias competições.

M.L. – E hoje, esse quadro é o mesmo? Como é que você analisa esse cenário do futsal hoje?

N.L. – Hoje, tá bem melhor. Eu vejo melhor, o nosso quadro. Até porque mudou várias formas, tipo: acrescentaram as reuniões, as aulas práticas, atualizações que nós não tínhamos. Quando eu entrei não tinha atualizações. Agora tão trazendo de fora. É... reuniões e... que reúne o grupo prá que a gente possa falar dos nossos erros, prá poder haver melhorias, né? Prá mim melhorou.

M.L. – É questão de padronização de arbitragem, né?

N.L. – Padroniza... E tem até a planificação antes do jogo – coisa que também não tinha. Quando eu entrei não tinha. Agora já tem.

M.L. – É que o intuito é buscar sempre melhorias, né?

N.L. – Melhorias.

M.L. – E o que foi que te motivou a fazer o curso de arbitragem de futsal?

N.L. – Foi... Como eu disse, é porque a gente estudava junto, a gente jogou bola junto. Eu e a Karen, a minha colega. A gente jogou bola junto e ela fez o curso, o primeiro. Aí ela passou e eu não quis, quis jogar bola. E ela ficou na Federação e deixou de jogar bola. Aí eu: “rapaz, eu vou deixar de jogar bola também e vou ficar é nesse curso aqui”. Aí o próximo eu fiz e decidi ficar.

M.L. – E como era a sistemática desse curso? Como ele aconteceu?

N.L. – Ele era todas as noites e acho que teve a duração de um mês. Todas as noites, de dezoito e trinta as nove e trinta, teórica: aí era da regra um até a doze, a onze, aí prática. Aí depois de doze a dezessete, prática. Aí que vinha as provas, né? Foi por etapa: até a regra tal, depois todas as regras. Aí fomos prá aulas práticas. Botavam jogos, criavam simulações de acordo com a regra, nas quais a gente tinha que desenrolar. E depois, também, teve o teste físico. A primeira vez a gente só fez a simulação do teste, que era aquele *outro* teste. Aí depois que foi mesmo avaliativo e no decorrer a gente teve um estágio, mas era começando da categoria de baixo.

M.L. – Sabe precisar o ano?

N.L. – Hã?

M.L. – Sabe precisar o ano do teu curso?

N.L. – Foi 2015. 2016! Em 2015 eu reprovei.

M.L. – E onde foi esse curso, você lembra?

N.L. – Aqui no IFPI², Centro.

M.L. – Antes do curso, você já arbitrava?

N.L. – Não. Nunca. Nada. Ficava era lá criticando [riso] quem arbitrava.

M.L. – Você lembra quando e como foi seu primeiro jogo como árbitra de futsal?

N.L. – Lembro. Eu tava toda acanhada, desavançada, não sabia o que fazer, se... tímida. Se fazia o certo ou se fazia de qualquer jeito, com medo de errar, né, porque a gente sempre erra, principalmente quem tá começando. Só que eu tive bons companheiros nesses momentos. Me ajudaram e fizeram com que a facilidade, né, houvesse facilidade prá eu desenrolar a situação.

M.L. – Então aquele barreirismo inicial foi sendo... diminuído?

N.L. – Foi diminuído. Mas no início foi um pouco complicado, porque eu era... acho que eu tinha vergonha, eu era acanhada, sabe? Não fazia as sinalizações direito. Eu sabia o que era prá fazer, mas não fazia.

M.L. – Não exteriorizava?

N.L. – A movimentação eu tinha muita dificuldade, principalmente em corrida lateral, passada lateral, eu não... Minha coordenação era zero, melhorei muito, tive que trabalhar só coordenação lateral. Hoje em dia eu corro mais lateral do que frente e costa.

M.L. – E como foi a sua primeira competição enquanto árbitra confederada?

N.L. – Eu... o frio na barriga foi muito grande porque é uma responsabilidade maior. “Você é árbitra CBFS. Isso não pode acontecer!” É a boca do nosso diretor. “Vocês são árbitras CBFS. Isso não pode acontecer”. A minha primeira competição nacional foi o JUB’s³, que a etapa foi aqui na UFPI⁴. Aí eu fui... a gente foi con... todos os CBFS foram convocados prá arbitrar e eu tava mesmo muito... Até que eu me saí bem, eu me saí bem... mais do que eu esperava.

M.L. – Lembra a categoria que você atuou?

N.L. – Adulto. Feminino e masculino.

M.L. – Os dois?

N.L. – Sim.

M.L. – E a primeira competição não tem como a gente esquecer, né? Não esquece!

N.L. – Nunca [risos].

M.L. – E quais foram os principais jogos que você arbitrou? Eram mais masculinos, mais femininos, como era isso aí?

N.L. – A minha iniciativa a... quando eu iniciei, eu apitei mais femininos, aí do meio pro fim que ele me colocou no masculino.

M.L. – E como é a condução de uma partida de futsal quando o jogo é masculino? É diferente da condução do jogo feminino?

² Instituto Federal de Piauí

³ Jogos Universitários Brasileiros.

⁴ Universidade Federal do Piauí.

N.L. – *Muito! Muito!* Porque assim, o feminino as meninas já tem um pouco de... algumas... respeito; o diálogo, a conversa, não tem muita diferença; já os homens, não. Já vem autoritário, querendo intimidar, pelo fato de... A gente tá fazendo o certo e eles querem intimidar que é prá vê se a gente faz o que eles querem. A forma de como eles falam... É tudo diferente, tudo.

M.L. – Você prefere arbitrar jogos masculinos ou jogos femininos?

N.L. – Masculinos.

M.L. – Mesmo com toda essa cobrança?

N.L. – Mesmo com toda essa cobrança!

M.L. – Por que...

N.L. – Porque eu gosto...

M.L. – ...essa preferência pelo masculino?

N.L. – Porque eu gosto de desafio, sabe? Eles têm que saber respeitar a gente. A gente não tá ali por tá. A gente sabe o que tá fazendo. Embora a gente erre, porque a gente é humano igual a eles... igual eles erram no jogo, a gente também pode errar. Só que a nossa intensão não é prejudicar nem equipe A e nem equipe B, é aplicar a regra. Então eles têm que aceitar. Não é só os homens que podem apitar, arbitrar os jogos deles, não.

M.L. – Você parou de arbitrar em algum momento depois que entrou ao...

N.L. – Não! Ao quadro? Não.

M.L. – Já teve algum outro problema que tenha atrapalhado a sua arbitragem?

N.L. – Que tivesse atrapalhado?

M.L. – Sim, a...

N.L. – Não.

M.L. – A sua arbitragem?

N.L. – Não. Por enquanto não, que eu tô [riso]...

M.L. – [Riso].

N.L. – Agora que eu tô... [risos] caminhando.

M.L. – Além da arbitragem, você tem algum outro envolvimento com o esporte, Nilmara?

N.L. – Só mesmo o meu trabalho. A minha profissão. Fora isso, não.

M.L. – Você trabalha com natação...

N.L. – Natação e sou professora de escolinha de futebol.

M.L. – Futebol ou Futsal?

N.L. – Futebol.

M.L. – Futebol?

N.L. – Campo mesmo.

M.L. – Como é a sua rotina ou organização prá que você possa arbitrar e realizar essas suas outras funções diárias?

N.L. – É... Eu dou aula pela tarde. As minhas aulas, a maioria, são pela tarde... todas, pela tarde. Pela manhã eu fico desocupada, mas à tarde eu dou aula de natação, terça e quinta, e segunda, quarta e sexta escolinha de futebol.

M.L. – Então não atrapalha a tua rotina, né?

N.L. – Não, não atrapalha. Só nos Jogos Escolares porque tem jogos pela manhã e a tarde. Aí eu já não atuo à tarde, só pela manhã. Aí quando não tem aula, que acontece algum problema, algum imprevisto, lá por onde eu trabalho, aí eu coloco disponibilidade. Agora, Metropolitano, Piauiense, essas competições de adulto masculino local, tipo Timon, que tá tendo agora, os Bancários, que é dia de sábado, é... não atrapalha, pois só começa a partir das sete, seis e trinta; dá prá atuar normalmente.

M.L. – Então você concilia sem nenhum problema, né?

N.L. – Aham. Sem nenhum problema.

M.L. – Como você organiza seu treinamento físico para realizar seu trabalho de arbitragem?

N.L. – Todo dia pela manhã. Eu não consigo, assim... Se eu deixar “não, vou treinar hoje à noite”. Não adianta, eu não vou. E se eu for é morrendo. Não consigo cumprir os cinco quilômetros, seis, três... Que agora eu tô diminuindo a quilometragem e querendo diminuir o meu tempo também, que eu tava correndo muitos, em muitos minutos.

M.L. – Faz algum trabalho específico voltado para a arbitragem?

N.L. – Sim, é... tiros, né? Tiros de cem, descansa caminhando cinquenta metros, ou tiros de cento e cinquenta e caminha cem, assim... Pelo primeiro teste prá eu passar, eu tive que trabalhar assim, porque eu era muito ruim prá correr. Muito mesmo.

M.L. – É...

N.L. – Aí eu aprendi.

M.L. – [risos] Aprendeu a correr?

N.L.– Aprendi a correr.

M.L. – E essa sua rotina de treinamento físico, mudou ao longo dos anos com relação a você ser árbitra ou você sempre fez exercício físico?

N.L. – Não, os meus exercícios era academia, era jogar bola. Agora eu acho que é um treinamento bem superior e que adquiri muitas melhorias. Até mesmo em coordenação que dizem que é quando começa de pequeno, eu vim aprender muitas coisas depois de grande.

M.L. – Porque é a questão da repetição...

N.L. – É.

M.L. – ... que aprimora o movimento, né? Você faz curso de atualização de futsal?

N.L. – Sim. Agora teve um em São Luiz que eu fiz com Brechane e agora o nosso que teve ano passado com Paraguassu e agora vai ter novamente com Paraguassu e Brechane.

M.L. – Qual é a periodicidade dessas atualizações que você realiza?

N.L. – Como é?

M.L.– A periodicidade das suas atualizações? De quanto em quanto tempo você as faz?

N.L. – De doze em doze meses. Essa que a gente foi em São Luís, reuniu um grupo e fomos. Que foi eu, a Márcia, Vitor, acho que... a Fabiana e o Fernando. Só. Que a aqui não, não tinha, como eu disse. Não tinha e fomos prá lá, porque era o Brechane e tudo, reunimos o grupo e fomos. Aí quando nós chegamos com a novidade, com as novidades que a gente viu e tudo, facilita muitas coisas e é bom. E aí aqui decidiram também fazer o

mesmo. Aí fizeram ano passado com Paraguassu. Aí agora já completou um ano que eles vieram. Agora vão vim novamente, Paraguassu e Brechane.

M.L. – Então agora a Federação Piauiense adotou que todo...

N.L. – A cada ano vai ter...

M.L. – Far-se-á uma atualização.

N.L. – Uma atualização, isso.

M.L. – A sua forma de arbitrar, de conduzir as partidas, mudou durante esses seus poucos anos de arbitragem?

N.L. – Sim, mudou, mudou muito. Mudou porque, às vezes, quando eu estava arbitrando, parecia que eu ainda tinha dúvidas; agora não, eu realmente sei o que eu tô fazendo. Quando alguém vem questionar eu já respondo. Agora eu respondo de acordo... da forma de como eles vêm me perguntar. Às vezes: “Calma, professora!” “Você também tem que vim com calma”. Mas eu mudei muito.

M.L.– Além da forma de você se comunicar com atletas, houve alguma outra mudança com relação a tua condução de partidas?

N.L. – *Sim!* É... eu cresci muito. Tipo, era só a categoria de base, sub 13, sub 15, agora não, é sub 17, adulto. Eu pouco apito categoria de base. E ano passado mesmo eu acho que saí umas... umas seis finais: sub nove, sub 11, sub 17, sub 20. Só não fui do adulto masculino.

M.L. – Tudo masculino?

N.L. – E feminino eu não fui porque eu joguei pelo IF e aí o IF tava na final.

M.L. – Aí seria...

N.L. – Aí num...

M.L. – Um contrassenso, né?

N.L. – Não tinha como.

M.L. – Nilmara, alguma regra ou forma de organização das árbitras ou da Confederação, em relação à arbitragem feminina, mudou durante o tempo que você faz parte do quadro?

N.L. – Assim, eu num... não sei nem responder essa pergunta, porque eu tô há pouco tempo, não tenho muita visão, agora que eu saí... A minha primeira competição nacional mesmo, lá fora... eu saí ano passado, que foi em novembro. Agora que eu tô começando, então não sei assim dizer se mudou ou não.

M.L. – Então você só saiu prá uma competição nacional?

N.L. – Só. Nacional. A outra foi aqui e essa foi lá em Natal.

M.L. – Então você tem em seu currículo duas competições nacionais?

N.L. – Duas competições nacionais.

M.L. – E em Natal, foi que jogos?

N.L. – Foi os Jogos Escolares, etapa nacional da juventude, os Jogos Escolares da Juventude.

M.L. – Tu lembra a categoria?

N.L. – Sub 12... de 12 a 14 e de 15 a 17.

M.L. – Arbitrou jogos masculinos e femininos?

N.L. – Femininos.

M.L. – Após a normatização do acesso das árbitras à quadra de jogo, que só aconteceu em 2000, que até então nós não poderíamos adentrar a quadra, só éramos anotadoras ou éramos cronometristas, né?

N.L. – Hum, hum.

M.L. – É... você acha que mudou alguma coisa no cenário do futsal nordestino e brasileiro, quando a gente consegue adentrar a quadra para mediar as partidas?

N.L. – Eu acredito que sim. É... eu digo... eu respondo por mim que sim. Porque é... Eles, assim... as pessoas têm que... não só... não só homens que têm o direito de arbitrar, não é só homem que sabe da regra. Nós sabemos as mesmas coisas que eles. A diferença é que eles são homens e nós somos mulheres. Às vezes, eles erram e os atletas nem percebem pelo fato de ser homem; agora quando é a gente... o erro já é... já é grosseiro. “Errou, errou e pronto. A senhora não viu, a senhora não vê nada!” É assim. Uns já são mesmo bem machistas, ofendem. Agora que eles tão aprendendo a respeitar. Eu comecei... eu vi essa... pelo menos nessa competição. Comigo, até então, por enquanto, eles já sabem: “Não, não fala nada. Deixa. Sai. Não fala nada, não. Sai de cima”. Eles já tão... eles já tão assim, adquirindo o hábito de quando vê eu ou a Márcia, eles já sabem o tipo de... como é o nosso jogo, como é que a gente atua, né? “Não, não faz isso que é a fulana de tal”. “Não, não faz isso que é cicrano”. “Não, não vai em cima”. “Não. Deixa prá lá. Esquece”.

M.L. – E essa competição em que você atua, em que já há esse respeito por parte deles com relação a você e a Márcia também, que competição é essa?

N.L. – É essa do Metropolitano que tá ocorrendo agora. Ano passado teve muito atrito com relação à arbitragem; não só com a gente, comigo e ela, nós mulheres, mas com todos. É... Eu posso dizer que foi, assim, um dos piores anos desde o ano em que eu entrei aqui. Muitas críticas, muitas reclamações. Eles mesmos que não sabiam o que tava acontecendo e queriam insistir numa coisa que não existia, fizeram até assim... avacalharam o final da

competição. Teve discussão, teve briga. É... terminou de uma forma que ninguém esperava e, como sempre, colocando a culpa na arbitragem. Depois que o jogo foi televisionado, que viram, aí foram pedir desculpa. Só que o que era prá... que não podia ser estragado, eles estragaram, eles mesmos, colocando a culpa na arbitragem. Agora esse ano não. Eles já tão assim, disciplinados, não cem por cento, mas acho que eles aprenderam uns sessenta por cento. Já sabem como é que vêm argumentar. Alguns ainda vêm com autoridade, achando que tá na razão, no direito, independente de quem seja. Agora não, tão jogando mais... é... tão sabendo vim argumentar, perguntar: “O que foi que você marcou ali?”, “Por quê?”, “Nilmara, tu me deu cartão por aquilo ali”. Ano anterior, o ano passado não, fizeram a maior palhaçada, a maior palhaçada. Esse ano tá ocorrendo... eles tão deixando a gente trabalhar mais, porque toda coisa que marcava, vinham em cima. O primeiro jogo que eu apitei aqui, que foi a abertura do adulto, que foi eu e o André, era o time que fez a palhaça da final, né?

M.L. – Da competição?

N.L. – Sim. Aí toda coisa que marcava, já vinha: “O que é que tá marcando aí?” O time todinho. Pronto, na hora que deu amarelo prá uns cinco, não falaram mais nada. Até hoje, jogam e não falam mais nada.

M.L. – Nilmara, seria desconhecimento de regra o motivo de tanta reclamação?

N.L. – Sim, sim. Porque, às vezes, é nítido. A gente vê claro, é falta prá cartão. “Não é prá cartão, vai me dá cartão por isso? Isso foi falta?” Aí, às vezes, é disputa de bola normal, cai no chão, fica lá e aí: “Ah, isso aí não é falta?” É uma disputa de bola! Eu vou dar falta? Eu não tenho culpa. Aí quando já... “Ah, agora aí tu já marcou falta?” No adulto: “Professora, amarrar o cadarço”. “Não, não posso”.

M.L. – Pelo amor de Deus... [suspiro]

N.L. – É segundo toque do goleiro: “Ah, mas passou da meia quadra”. Sim, mas foi o segundo toque do goleiro, não interessa se passou do meio da quadra! Tem muito desconhecimento de regra. Começa dos professores, também, dos treinadores.

M.L. – Como não conhecem...

N.L. – Às vezes, é como eu disse, ano passado eles vinham argumentar coisas que nem eles mesmos sabiam. Agora esse ano eles já são mais... né? Tão mais cautelosos, como pode se dizer.

M.L. – E essa competição, o Metropolitano, é uma competição aberta, Nilmara?

N.L. – É aberta e tem vagas do sub 20, do campeão do sub 20. Acho que é o campeão e o vice, eu não sei. E do adulto, pra Liga Nordeste.

M.L. – É uma competição que vão quais equipes? Empresas?

N.L. – Não, é uma competição nacional. Reúne os campeões e faz a competição geral. Aí pode ser um jogo aqui, um jogo lá, dependendo da quantidade das equipes, eles fazem... como é que posso te dizer... é como se fosse criar pólos. Deu tanto que as quatro regiões são umas próximas das outras...

M.L. – Hum...

N.L. – Esses quatro vão ficar jogando aqui e ali, é assim.

M.L. – É pra minimizar os custos, né?

N.L. – É. Aí só que as equipes é que arcam com as despesas.

M.L. – E aqui no Metropolitano, quem são os clubes que participam? São empresas...

N.L. – Alguns. É, a AABB⁵, por exemplo, é um clube de bancários e quem banca lá são eles pela AABB.

M.L. – Hum...

N.L. – Agora já tem times que se reúnem mesmo e que pedem um nome de um time filiado emprestado e botam por conta própria. Tem aí uns quatro assim. Tem o JAZZ também que é uma empresa mesmo, montada, paga, tudo. É assim.

M.L. – Como é a sua relação com a Federação a qual você está ligada?

N.L. – É... boa. Dá prá levar, só que tem muita gente traíra, sério, muita. Tem gente que pelo fato de eu ter só vinte... É... “Vinte anos, tá apitando demais”, “Ah, que a Nilmara apita de... tá em... tá em muita escala”. Tinha gente que ia pro ginásio só prá ver se eu realmente tinha condições de tá naquela escala.

M.L. – Os próprios colegas?

N.L. – Os próprios colegas, muitos, muitos. Não foi à toa que eu me afastei de vários, mas também não desisti. Tive uma conversa com Paraguassu ano passado. Até ele mesmo lá, após a nossa conversa, chamou atenção dos companheiros e tudo, pelo fato que eu tava começando. Ele foi bem direto. Só que adiantou por alguns meses, depois voltou tudo ao normal. *Agora* que eles tão vendo que eu realmente, né? Aí num... eu vi que diminuiu mais os fuxicos, mas tinha muito.

M.L. – E na Confederação, como é que é a tua relação?

N.L. – Ah, foi...

M.L. – Já foi prá duas competições...

N.L. – Foi muito... Pelo menos essa que eu saí, foi muito boa, maravilhosa, não tenho nada a reclamar. Nada. Eu fiquei muito, assim, tensa, não sabia como era, não sabia o que podia acontecer, com medo também. E aí, só que eu tive a ajuda deles, muita mesmo, eu mesma disse: “olha, qualquer coisa podem me corrigir, podem me ajudar, quando não... comigo não tem essa”. E aí deu certo.

⁵ Associação Atlética Banco do Brasil.

M.L. – Lá você trabalhou com...

N.L. – Me ajudaram...

M.L. – Com homens?

N.L. – Com homens, com as meninas. Só não trabalhei com a Feijão e com a Gi, com a Gisele. Mas trabalhei com a Alane, com a Vanessa, com Edson, com Edilson, todos eles.

M.L. – Então lá a relação foi bem mais amena, né?

N.L. – Ah, foi *ótima!* Me senti assim, totalmente segura. Porque eu era caloura, né? [risos].

M.L. – É! Ainda tem a “caloura” [risos].

N.L. – [risos] Ainda tem a caloura.

M.L. – E como é a tua relação com as árbitras da tua Federação?

N.L. – É... anotadoras e...

M.L. – As anotadoras, as árbitras...

N.L. – Eu não tenho nada a reclamar em relação a elas. A gente se dá muito bem. Não tem, assim, atritos, se comunica, a gente se ajuda, é... independente de quem seja. Se eu tenho atrito com a Márcia fora, mas na hora de trabalhar a gente tá junto, se erramos, erramos as duas. Eu nunca... Em relação a isso é bom demais. Com todos, anotador, anotadora, só tem ela de árbitra mesmo.

M.L. – Que só são você e...

N.L. – Eu e ela.

M.L. – Só você e Márcia, né?

N.L. – É. Então, é tranquilo.

M.L. – E na Confederação, como é a relação com as meninas da Confederação? As que você tem maior proximidade?

N.L. – Pelo menos as que eu convivi lá foram ótimas, foram umas mães prá mim. Principalmente a Gisele, porque eu fiquei no mesmo quarto que ela, me ajudou muito.

M.L. – Gisele que é a FIFA?

N.L. – Não, é a do Rio.

M.L. – Ah!

N.L. – A do Rio de Janeiro é só CBFS⁶.

M.L.– Ah.

N.L. – Alane também me ajudou muito, muito mesmo. Eu me senti, assim, confiante. Eu acho que eu tava precisando daquilo, né?

M.L. – Prá dá uma... guinada, né?

N.L. – É. Prá me sentir mais segura. E foi bom.

M.L. – Ao longo da sua trajetória, você acha que recebeu algum tratamento diferenciado, por ser árbitra?

N.L. – Sim.

M.L. – Por parte de dirigentes da Federação ou da própria Confederação?

N.L. – *Sim!* Sim. Eles... é... teve o Diretor, por exemplo, tinha às vezes que eu tava começando, aí me escalava... Ele tinha mania de me escalar e perguntar: “Tu segura esse jogo?”, “Dá prá ti esse jogo?” “Quem tem que dizer isso aí é você, não sou eu, então se você acha que não dá, não me escale!” Aí às vezes eles diziam que eu era ignorante, que eu era metida, mas não é, é porque eu não gosto. “Já que... já que não dá prá mim, não me bota”. Fica me perguntando se eu seguro. Eu vou saber só na hora se eu seguro ou não; se eu não segurar, pronto, já era. Ele tinha esse hábito. Agora não. Ele já escala, vou pro jogo, pronto.

M.L. – E a nível de Confederação houve algum momento que você sentiu essa...

N.L. – Não. Não. Nenhuma. Nenhuma. Por enquanto nenhuma [riso].

M.L. – E em relação aos dirigentes e as comissões técnicas, como é esse tratar com você, Nilmara árbitra?

N.L. – Nos anos anteriores, que era quando eu tava iniciando, eles eram muito assim, reclamavam, ficavam no meu ouvido... Acho que eles tavam vendo que eu era nova, tava começando. *Agora* a visão deles já é outra, porque alguns já me viram na competição nacional, outros já viram quando eu tô apitando, arbitrando masculino e tal, né? Ocorrendo tudo tranquilo. Agora eles já sabem... Quando eles vêm conversar comigo ou perguntar algo, eles já sabem que eu sei argumentar e que eu sei dá regra. Agora eu acredito que a visão deles é outra. Quando eles vêm falar comigo, né, ao contrário dos anos anteriores. “Ah, não dá prá ela apitar um jogo desse não, não sei o quê...” Eu já ouvi jogadores falarem isso. Aí os meninos: “É, não dá mesmo não. Se fosse eu tinha te dado era amarelo e tal”. Aí eles... Agora não, a visão deles é totalmente outra.

M.L. – Houve alguma situação de desrespeito com você? Que você tenha percebido?

⁶ Confederação Brasileira de Futebol de Salão – Futsal.

N.L. – Assim... Teve uma vez no tempo que eu tava começando, um professor tava xingando as atletas dele. Aí eu pedi prá... porque era sub17... Aí eu pedi prá ele que ele diminuísse, prá ele ter mais cuidado. Aí ele disse que eu podia falar o que eu quisesse, eu podia falar o que eu quisesse que ele não tava nem aí e tal. Aí eu pedi prá que ele, pela forma de como ele me respondeu, eu pedi que ele se retirasse do banco. Aí de lá de fora, ao invés dele me xingar, ele tava falando era nomes: que eu era linda, que eu era gostosa e que não sei o quê. E eu: “Meu Deus do céu...” Ele é até desse IF’s que tem... IFPIs, né, do Piauí. Eu tava iniciando na época.

M.L. – E os jogadores e as jogadoras, como é que... Houve alguma situação com você que te desagradasse, que te marcasse?

N.L. – *Já! Já!* É uma competição que foi em Timon, aberto, ano passado. Teve um que queria que tivesse ocorrido uma falta, sendo que não houve a falta. Ele se chateou e tal, pegou amarelo e pela forma de como ele veio reclamar, aí ele ainda me empurrou e eu expulsei ele, aí de imediato... eu tava com a Márcia... de imediato trocamos de lado. É... teve também aqui... aqui no Verdão. O menino, era Jogos Escolares também, sub17, ele foi muito maldoso, né, só que nós, eu e o outro árbitro, vimos à situação, aí, como eu tava mais próxima, me aproximei e o expulsei. Aí ele jogou água no chão, ficou me xingando, saiu me xingando, ainda ficou lá do outro lado me xingando... A equipe dele perdeu de um a zero. Ficou dizendo que perdeu por minha causa, maior coisa, eles. E a gente fica assim, às vezes, sabe? “Rapaz, será que se realmente eu errei?”, “Será se vale a pena a gente tá aqui?” É assim.

M.L. – Então você já teve até mesmo a agressão física?

N.L. – *Sim. Sim.* Teve esse lá em Timon. Esse daqui, ele não veio em cima de mim, mas esse de Timon ele veio, ainda me empurrou. Agora teve um que tá recente... ele queria também uma falta e que não tinha acontecido, aí o menino marcou o gol, aí na hora de reiniciar, ele falou com o outro, né, que era prá dar logo o jogo pro outro time e tal, aí o outro árbitro advertiu ele com o amarelo. Aí ele veio foi em cima de mim perguntar por que ele levou amarelo. Eu falei: “Pergunte prá ele porque você levou amarelo. Não é prá mim”. Aí ele: “Você só quer ser a palhaça! Não sei o quê...” Aí eu dei... eu dei o segundo

amarelo e expulsei-o. Aí ele também quis vir prá cima de mim, aí o outro árbitro, de imediato, né, conteve a situação. Aí ele... quis... quis empurrar o outro árbitro. Fui eu que tirei. Teve esse aí também e tá recente.

M.L. – Você chegou a formalizar alguma queixa junto ao órgão de segurança, ou...?

N.L. – Sim, eu fiz um relatório. Eu ia dar queixa, ia registrar o B.O.⁷, só que pelo fato deles serem empregado – que é uma competição da Prefeitura lá de Timon, no Maranhão – e aí eu... o Secretário de Esporte pediu que eu não fizesse isso, e tudo, que eu fizesse apenas o relatório. E deu uma suspensão nele de um ano pelas competições realizadas pela Prefeitura, tanto campo como futsal.

M.L. – Então mesmo ele te agredindo, ainda houve quem intercedesse por ele, numa situação de agressão física?

N.L. – Hum... hum. Aí hoje ele fala comigo como se *nada* tivesse acontecido, só que eu falo com ele por educação: “Não. Tudo bem. De boa”, mas não me desce.

M.L. – [riso] Em relação às torcidas, ao longo dos seus anos de arbitragem, quais as manifestações mais comuns?

N.L. – [risos] Olha já... são tantas, tantas, e tem alguma que eu até... antes, que eu revidava, tipo... falava e eu respondia. Aí, às vezes: “Nilmara, vai pro teu jogo. Pára de ligar prá torcida!” Quando tava no intervalo, aí ficava lá, tumulto e tal, e eu respondia. Agora eu diminuí muito, agora é como se nem tivesse falando comigo, nem...

M.L. – E havia xingamentos?

N.L. – *Muitos!* “É, que a senhora é ladrona. Não sabe apitar nada, saí daí!” Chamavam de rapariga, que era fia de corno. Uma vez eu olhei assim, prum senhor: “Olha, o meu pai pode até ser corno, mas o senhor é mais do que ele” [riso]. É muito mesmo. “Vai tomar o

⁷ Boletim de ocorrência.

apito da senhora, mesmo?”, “Sabe apitar não! Lugar de mulher né aqui não!” *Muitas coisas*, muitas, eu já ouvi.

M.L. – Em algum momento, seu pai estava vendo o jogo ou o seu irmão?

N.L. – Não. Meu irmão sim. O meu irmão... inclusive, nesse dia que esse rapaz me empurrou, meu irmão tava lá. De imediato ele já entrou na quadra. Quando terminou o jogo ele veio embora junto comigo. Pelo menos em relação a isso eu tive o apoio dele. Ele disse que não gosta, mas vai fazer o quê, né?

M.L. – E você acha que se você fosse homem, nessa situação, se você fosse árbitro e não árbitra, será que a relação com a torcida seria diferente?

N.L. – Sim, acredito que sim. Pelo menos cinquenta por cento eu creio que sim.

M.L. – No geral, você acha que existe alguma diferença de tratamento ou de reconhecimento de trabalho entre árbitros e árbitras?

N.L. – Sim, existe. *Muita*, muita mesmo. É como eu disse, pros homens... pelo fato da gente ser mulher, a gente... acha que a gente não segura um jogo, acha que a gente não pode fazer o que eles fazem. A gente pode tanto acertar como eles, inclusive errar como eles. Porque, às vezes, eles tornam errando coisas que se fossem nós mulheres, não errávamos tanto iguais a eles, né? Eu vejo assim. Porque da mesma forma que eles erram, a gente também erra. Da mesma forma que eles acertam, a gente também acerta. Só que a oportunidade, as primeiras opções sempre são eles, *sempre são eles*.

M.L. – Ao que você atribui um número tão reduzido de mulheres na arbitragem do futsal?

N.L. – Não faço à mínima ideia.

M.L. – Pelo que você já vivenciou, né, por que será que tão poucas mulheres adentram a quadra para arbitrar o futsal?

N.L. – Ah, certo. Entendi. É só quem tem sangue no olho mesmo, viu? *É só quem quer, quem sabe, sabe e diz: “Eu quero! Eu quero ir e pronto!”* Não, não... Dinheiro, você não vai pelo dinheiro, você não vai... Vamos dizer que “ah, não serve”. Serve. Mas não, a gente não vem pelo dinheiro porque não compensa, *não compensa*. A forma de como somos tratadas, de como somos vistas, de... em relação a tudo. Não compensa, então a gente tá porque realmente a gente quer, porque a gente gosta. Se não for interesse, a vontade própria, não tinha mulher... nenhuma mulher apitava não. Realmente *é paixão mesmo, é vício!* [risos]

M.L. – Nilmara, na tua opinião, o que poderia ser feito prá que nós tivéssemos um aumento significativo com relação ao número de mulheres na arbitragem do futsal?

N.L. – É... eu acredito que as principais pessoas seriam... é... os Diretores, tanto o... O nacional eu não cito, porque a principal culpa de ter árbitras é ele. Eu creio que são os locais de... abrir, assim, mais oportunidades prá gente, sabe, confiar mais. Se fulano apita um jogo desses, pois cicrano também apita. Não... tipo... Eles deveriam ser de formas iguais, igualados, né? E não, às vezes, uns são priorizados, outros não, depende do jogo. Às vezes repetem a mesma dupla só porque se for o time dez vezes, dez vezes é a mesma dupla; então eles têm que aprender a confiar nos árbitros que eles têm, entendeu?

M.L. – Independente de ser árbitro ou árbitra?

N.L. – Independente de ser árbitro ou árbitra. Isso. Mas eu acho que a prioridade tem que ser... Eles que têm que fazer essa mudança, os locais.

M.L. – Você percebe alguma diferença na condução das equipes, no portar-se, entre as árbitras do Nordeste ou do seu estado, com relação a outros estados brasileiros?

N.L. – Não, por enquanto eu não vejo não.

M.L. – Você acha que a postura é praticamente a mesma?

N.L. – É. Eu pensei... quando... como eu disse, quando eu cheguei lá no nacional, eu pensei que eu ia ser assim, diferente das outras. Não! Às vezes eu pensei assim: “Ah, tô indo no caminho certo, tô no mesmo nível”. Num... num vi não. Não tem diferença não.

M.L. – E aí eu queria que você agora pensasse e me definisse, o que é ser *árbitra* no nordeste brasileiro.

N.L. – É um... ser um *leão*. Ser *árbitra* no nordeste brasileiro é ser um leão, porque tem que encarar tudo bem corajosamente. *Tudo! De olhos abertos, de braços abertos* e seguir.

M.L. – Quais são, ou quais foram às maiores barreiras que você encontrou ou enfrentou, ou enfrenta, ao longo da sua carreira como *árbitra*?

N.L. – É... as barreiras que eu enfrentei, eu considero a visão dos meus próprios colegas. Ao invés de quererem me ajudar com que eu crescesse, pelo fato de eu ser nova, pelo fato de eu tá começando e algumas pessoas tá olhando, né, e eles, ao invés de ajudarem, porque não cresço só eu, também o nome da minha entidade, eles queriam me diminuir... papozinho ali, papozinho aqui, e eu me senti assim, um tempo, muito prá baixo. Pensei até em sair, em largar de mão. “Não, não dá prá mim não. Eu não gosto dessas coisas”. Muito fuxico pelo fato de eu tá saindo numas escalas e mudando prá outras, pelo fato do crescimento e... Também o Paraguassu teve uma conversa comigo, aí pelo que eu conversei com ele, contei as coisas prá ele, que ele perguntou se eu realmente queria ser *árbitra*, se eu realmente gostava. E aí que eu me senti assim um pouco prejudicada pelos meus próprios companheiros, até porque eu nunca fiz mal a nenhum e nunca saí da minha casa prá falar mal de nenhum. Ao contrário, eu aprendi *muito* assistindo os jogos deles. *Muito mesmo.*

M.L. – E aí, que avaliação você faz a respeito da inserção das mulheres no cenário do futsal nordestino e brasileiro, como *árbitras*, ou como atletas, ou como técnicas?

N.L. – Assim, a gente tem que encarar tudo de acordo com a realidade. Temos que mostrar o que a gente quer, o que a gente tá fazendo. Prá eles verem que não tem diferença. Se o homem é... joga de um jeito, a mulher também pode jogar o mesmo. Se eu arbitro de um

jeito, o homem arbitra de um jeito e eu posso arbitrar do mesmo jeito ou até melhor. Se um dá instrução de um jeito, a outra pode dar até melhor. Somos todos iguais. A diferença é que ele é homem e que nós somos mulheres. Prá mim não tem diferença. O aprendizado... Às vezes a gente se torna até um pouco mais inteligente do que os homens, certos homens. Eu vejo assim.

M.L. – Então você analisa essa inserção das mulheres nesse campo que é altamente masculino como positiva?

N.L. – Sim.

M.L. – Nilmara, do que eu te perguntei, do que a gente falou aqui, tem alguma coisa ou algo que você queira externar? Alguma informação que você queira publicizar? Algo que eu não tenha te perguntado, algo que seja importante na tua trajetória, no teu lidar com o futsal?

N.L. – Não, só mesmo... é... manter, sabe? O padrão da gente, de nós mulheres. É encarar as coisas, porque se não for assim, nós não vamos ser vistas nunca. Assim a gente já tem dificuldades, fazendo o que tem que ser feito, tentando encarar, né, o machismo, a gente já tem dificuldade... Se a gente reduzir, se a gente se esconder, se equivocar, é pior. O pior é prá o geral, prá nós mulheres, não é só prá mim, não é só prá você, então, nós... a gente que quer, que tamo, que fizemos as nossas escolhas, temos que buscar e enfrentar.

M.L. – Se nós não formos vistas... o que não é visto não é lembrado, né?

N.L. – Lembrado, é. O que não é visto, não é lembrado, *nunca!* Isso é verdade, então a gente tem que buscar e tem que correr atrás, prá mostrar tanto pros outros e até prá nós mesmas, que nós somos capazes – até mais do que os homens ou igual os homens, não tem diferença, isso não existe, é tudo a mesma coisa.

M.L. – Como é que você analisa a veiculação, em canal fechado, da primeira partida de futsal feminino? Acho que foi há uns sessenta dias atrás. Amandinha foi uma das que

idealizou aquela partida para que se desse visibilidade ao futsal feminino. Como é que você viu aquela transmissão? Você chegou a assistir?

N.L. – Não, não vi.

M.L. – Ah... Foi no Sporttv, acho que no Sportv 2, salvo engano, eles passaram e assim, Amandinha se emocionou... ela foi entrevistada no intervalo do jogo e ela disse que era a realização de um sonho...

N.L. – Ser entrevistada?

M.L. – E assim, numa TV fechada, parar o momento para exibir...

N.L. – Entrevistar...

M.L. – Exibir um jogo de futsal feminino, né?

N.L. – Ah!

M.L. – Foram duas equipes.

N.L. – É que nem a Copa do Mundo Feminina. Eu não sei o porquê, eles não igualam as situações. Eu não sei. Às vezes, não é... O machismo se tornou até também das próprias mulheres, sabia? Elas não ajudam com que também a gente seja vista. Não ajudam. Não ajudam. Tem umas que contribuem para que a gente diminua cada vez mais.

M.L. – Nas torcidas, quando você ouve os xingamentos da torcida, você veicula esses xingamentos à imagem de mulheres que estão na torcida?

N.L. – *Sim. Já. Várias! Várias! Várias!* Às vezes eu fico até imaginando: “Meu Deus do céu, já pensou se fosse ela ou a mãe dela ou um parente?” Não sei, né, já pensou? A mesma coisa eu digo prá ele: “Se fosse uma filha sua? Você é pai? Você tem mãe? Então pronto!” É assim.

M.L. – Então você está me afirmando, que em alguns casos, a resistência ou o barreirismo quanto à atuação da mulher nas quadras, é mais por parte das mulheres do que dos homens?

N.L. – Sim. É... Bom, eu digo por mim e eu acho que é. Mais prás mulheres do que pros homens. *Muito mais. Muito mesmo.*

M.L. – E você consegue apontar o porquê desse barreirismo vir mais das mulheres do que dos homens?

N.L. – Eu acho... É como eu afirmei no início. Eu acho que é porque eles acham, eles têm uma visão que pelo fato de ser homem, eles são homens e o homem tá arbitrando ou qualquer outro tipo de profissão, acha que tem mais qualidade, mais potencial, né, que tá mais preparado. Eu acho que eles têm essa visão, sendo que na realidade, quem sabe da situação somos nós, né, o que somos, o que fazemos, quem é fulano, quem é cicrano, porque somos árbitras... Eles acham que sabem mais do que a gente.

M.L. – E por que será que as mulheres têm essa visão também de que a gente não tá pronta para estar naquele espaço? Você saberia dizer?

N.L. – Eu acho que... Eu, eu, por exemplo, tem jogos que eu acho que não tô preparada, mas eu tenho coragem de encarar. Eu acho que isso, não é nem que a pessoa acha que não esteja preparada, eu acho que é o medo, por nunca ter é... tido a oportunidade, né? E acham que a primeira vez, ou então imaginam que se fosse escalado, convocado, acharia que não... não conseguiria. Acho que pela falta de oportunidades. Eu creio que seja isso.

M.L. – Eu queria aqui, Nilmara, te agradecer pela tua fala e pelas informações que você me deu e dizer que nós estamos muito satisfeitas em ter o teu depoimento. Ele é muito valioso prá nossa pesquisa e esperamos que essa pesquisa possa visibilizar a tua atuação enquanto árbitra, assim como, de outras mulheres que se dispuseram a encarar a função e adentrar a quadra de jogo, né?

N.L. – É que em cada jogo a gente mata um leão. É leão brigando com leão, porque a gente não quer perder, não quer deixar eles nos intimidarem... intimidarem. E também eles não querem ser intimidados por mulheres, né? A realidade é essa.

M.L. – Quando você está arbitrando jogos femininos, você nota que há alguma resistência por parte das jogadoras?

N.L. – Não. É tranquilo, em relação... Pelo menos aqui nas competições que eu já arbitrei, não.

M.L. – Então a aceitação é...

N.L. – É normal. Em relação a mim, só teve uma dirigente de um time, de um clube, que não quis que eu atuasse nos jogos dela. Que segundo ela argumentou que eu sou muito ignorante, mas não é... é porque quando eu era... como eu disse, eu jogava, né, e aí... eu acho que é por conta disso, porque eu jogava e sempre jogava contra a equipe dela; eu creio que é por conta disso. Aí eu deixei de arbitrar feminino por enquanto. Eu dei um tempo que é prá ela... vê se elas me esquecem mais como jogadora [riso].

M.L. – Aí vem...

N.L. – E me aceitam como árbitra [risos].

M.L. – Não é mais a Nilmara que joga, é a Nilmara que é arbitra, né?

N.L. – É.

M.L. – Quais os pontos positivos e negativos em ser árbitra de futsal?

N.L. – O ponto positivo é ser uma pessoa bem vista no meio da sociedade, sempre sendo solicitada para os melhores eventos de arbitragem que tem, e também a contribuição para meu desenvolvimento profissional. Os pontos negativos: encarar às críticas e o desrespeito;

não posso me expôr, tenho que manter sempre uma postura; o afastamento da minha vida social, com a família, para me dedicar inteiramente a arbitragem.

M.L. – Pois então Nilmara, muito obrigada! Foi um prazer conversar contigo e assim que estiver tudo pronto a gente vai te enviar uma cópia, viu?

N.L. – Hum, hum.

M.L. – Brigadão!

[FINAL DA ENTREVISTA]